

LUGARES DE MEMÓRIA DO CANGAÇO: IMAGENS DE LAMPIÃO NO SERTÃO DO NORDESTE¹

Marcos Edilson de Araújo Clemente²

Resumo: O artigo examina os processos de constituição das memórias coletivas do cangaço nas cidades sertanejas da região Nordeste, particularmente Serra Talhada e Triunfo, PE; Mossoró, RN; Poço Redondo, SE e Piranhas, AL. As análises são apoiadas em fontes bibliográficas e documentais, bem como no conceito de lugares de memória. Constata que nestes lugares há uma luta simbólica em torno da memória e da história de Virgulino Ferreira da Silva, o cangaceiro cognominado Lampião. A lenda de Lampião é reclamada como possibilidade de atualização de questões atuais, a exemplo da luta pela terra e por uma sociedade mais justa na zona sertaneja.

Palavras-chave: cangaço, lampião, história, memória.

Abstract: This article examines the processes of constitution of the collective memories of the cangaço in the country cities of the Northeast area, particularly Serra Talhada e Triunfo, PE; Mossoró, RN; Poço Redondo, SE and Piranhas, AL. The analyses are leaning in bibliographical and documental sources, as well as in the concept of places of memory. It consists that in these places there is a symbolic fight around the memory and of the history of Virgulino Ferreira of Silva, the bandit nicknamed Lampião. The legend of Lampião is claimed as possibility of updating of current subjects, to example of the fight for the land and for a fairer society in the country area.

Key words: cangaço, lampião, history, memory.

Introdução

Transcorridos 68 anos da morte de Virgulino Ferreira da Silva – o cangaceiro conhecido por Lampião – verifica-se um movimento de

¹ O artigo é parte de uma dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. A pesquisa de mestrado contou com o apoio financeiro da CAPES e da Universidade do Tocantins.

² Professor Assistente do curso de História da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

apropriação e glorificação do seu nome, especialmente nas cidades, vilas e povoados de sete Estados da região Nordeste onde ele reinou por aproximadamente duas décadas. Não se trata apenas dos antigos folhetos de cordéis, um dos primeiros suportes de uma memória coletiva do cangaço. Glorifica-se Lampião nas cidades sertanejas. Existe mesmo uma disputa em torno de sua lenda em que as cidades reivindicam para si a memória do cangaço. Além das cidades, a disputa envolve grupos ativos que propõem um novo sentido para a imagem de Lampião. As atividades destes grupos são apoiadas por alguns museus, aqui denominados museus do cangaço.

Estes museus voltados para a preservação da memória do cangaço estão localizados em diferentes regiões do sertão nordestino, na área do polígono das secas. Por exemplo, Juazeiro do Norte - CE, Mossoró - RN, Teixeira - PB, Serra Talhada, Triunfo e Petrolina - PE, Piranhas - AL, Canindé do São Francisco e Poço Redondo - SE, para citar apenas os mais conhecidos. Estas cidades registraram a presença, pacífica ou não, do bando de Lampião em seus territórios; algumas se transformaram em trincheiras de resistência contra o cangaço, outras apoiaram as atividades dos cangaceiros ou ainda serviram de cenário para os confrontos armados entre cangaceiros e a polícia volante. Este é um aspecto importante na medida em que a partir destes acontecimentos, as cidades foram projetando uma determinada memória coletiva do cangaço, conforme explicaremos adiante.

As atuais práticas e finalidades dos museus do cangaço como instituições organizadas convergem quanto a “promover a pesquisa, a coleta, a classificação, o registro e a exposição de fontes materiais e documentais sobre o fenômeno do cangaço e de suas influências na região.” (FUNDAÇÃO CASA DA CULTURA DE SERRA TALHADA, 1986). Para tanto, tais museus organizam seminários, palestras, encontros, lançamentos de livros, monumentos e comemorações diversas, ao tempo em que reclamam a história de Virgulino Ferreira da Silva como oportunidade de se repensar problemas estruturais do sertão nordestino, dentre os quais a seca, a fome e o latifúndio. Um dos primeiros a reivindicar esta imagem de Lampião justiceiro em luta contra poderosos proprietários de terras foi o conhecido líder das ligas camponesas de Pernambuco, Francisco Julião. Em 1959, Julião exigiu que as cabeças dos cangaceiros, expostas no Museu Nina Rodrigues, Salvador, fossem enterradas argumentando que “Lampião foi o primeiro a lutar contra os latifúndios e a injustiça dos poderosos”. (CHANDLER, 1980: 268)

Quanto à origem dos museus, todos apresentam alguma espécie de vínculo com os poderes públicos locais, embora, na prática, sejam influenciados por grupos de artistas, profissionais liberais, intelectuais e estudiosos do cangaço dispostos a reexaminarem a imagem de Lampião como simples bandido. Um desses grupos, auto nomeado “Os Lampiônicos” publicou a *Carta de Triunfo*, propondo libertar esta imagem das “amarras impostas pela historiografia oficial” (CARTA DE TRIUNFO, 1997). No discurso destes grupos não está claro quem faz esta suposta historiografia oficial, quem a representa, assim como não se explicam quais seriam os seus pressupostos teóricos. É certo que eles propõem um novo debate sobre o cangaço onde seja evitada a dicotomia “herói X bandido” e onde se considere a experiência histórica do cangaço para uma compreensão dos atuais problemas do sertão nordestino. Portanto, deduzimos que a vaga referência a uma suposta “historiografia oficial” do cangaço, esteja voltada aos trabalhos que invariavelmente classificam Lampião como simples bandido.

De fato, podemos dizer que o cangaço é uma temática que ainda se inscreve no campo das memórias e como tal a sua abordagem não raro demonstra simplificações. Os estudos sobre este tema, em especial sobre Lampião, pouco exploram os pressupostos da investigação e os campos explicativos. Uma feliz exceção vem de uma estrangeira, Marianne Wiesebron, autora de uma análise historiográfica das publicações sobre o cangaço e sobre o uso dos jornais como fonte de pesquisa (WIESEBRON, 1994). Outros autores estrangeiros costumam discutir o cangaço e/ou Lampião dentro de esquemas explicativos sobre o banditismo. Hobsbawm, por exemplo, inovou com a hipótese do “bandido social,” inaugurando um longo debate, inclusive na esfera da interpretação marxista (HOBSBAWM, 1975). Entre os brasileiros, Frederico Pernambucano de Mello destaca-se por sua pesquisa detalhada, inovando com a tese do “escudo ético” (MELLO, 1985). Maria Isaura Pereira de Queiroz produziu um importante estudo sobre lampião e seu bando a partir de pesquisa histórico-sociológica, onde evidencia a força do mito sobre a legenda dos cangaceiros (QUEIROZ, 1977). Mais recentemente, a questão do mito foi retomada pela historiadora francesa Élise Grunspan-Jasmin que faz largo uso das imagens fotográficas (GRUNSPAN-JASMIN, 2001). Tratando-se do cangaço, tema em que facilmente se confundem mito e realidade, estes autores têm evitado abordagens reducionistas.

Paralelo a essa história, multiplicam-se os lugares de memória do cangaço. Na cidade de Triunfo, Pernambuco, vai se

afirmando a “Associação de Amigos de Triunfo” ou “Os Lampiônicos”, enquanto que na vizinha cidade de Serra Talhada, no mesmo Estado, destaca-se uma Associação Cultural denominada “Grupo de Xaxado Cabras de Lampião” e em Mossoró, Rio Grande do Norte, o “Museu Municipal Lauro da Escóssia” atua em conjunto com a “Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço – SBEC”.

De certa forma a administração dos museus se confunde com a existência desses grupos, ambos empenhados na consecução dos mesmos objetivos. Portanto, os museus do cangaço propõem um debate sobre a história e sobre a memória de Lampião. O eixo deste debate parece ser o significado social de Lampião para cada localidade associado à reivindicação da imagem deste como símbolo de justiça. Os municípios envolvidos diretamente com a história do cangaço tentam construir, ou inventar, suas identidades através do reforço dos vínculos que mantiveram no passado com Lampião, não importando se as imagens em jogo são ou não favoráveis ao cangaceiro. Resta saber quais são as imagens construídas em cada cidade onde se localizam os museus do cangaço e quais são as tramas articuladas em torno dessas imagens.

Para responder a estas questões, examinamos algumas cidades do sertão nordestino com o objetivo de demonstrar esse movimento de recuperação do sentido social de Lampião. São elas Serra Talhada e Triunfo, no Estado de Pernambuco; Mossoró, Rio Grande do Norte; Poço Redondo e Canindé do São Francisco, Sergipe e Piranhas, em Alagoas. Acreditamos que se tratam de casos emblemáticos do “nomandismo” de Lampião, bem como do alargamento de sua “territorialidade”. A exposição sobre o movimento de constituição de uma memória do cangaço nas cidades segue o roteiro dos deslocamentos do bando de Lampião. Isto também explica por que, a cada exposição desses acontecimentos nas cidades, aparece um breve recorte histórico a título de situar o movimento de constituição dos diferentes lugares de memória. Este termo aqui adota a acepção dada por Pierre Nora: são os lugares em que uma sociedade registra voluntariamente as suas recordações ou as reencontra como parte necessária de sua personalidade (NORA, 1993).

Serra Talhada – Berço de Lampião

Virgulino Ferreira da Silva, nasceu a sete de julho de 1897 no sítio Passagem das Pedras, em Serra Talhada, sertão de Pernambuco. Na época, a comarca denominava-se Vila Bela. O sítio Passagem das Pedras

pertencia ao pai de Virgulino, José Ferreira dos Santos, e estava localizado na parte baixa da Serra Vermelha. José Ferreira chefiava uma família de pequenos proprietários situada entre a elite que dominava a sociedade local e a grande maioria dos trabalhadores sem terra. Virgulino teve uma infância normal para os padrões de sua época. Terceiro de uma família de nove filhos, viveu boa parte de sua vida de menino com os avós maternos, embora nunca tenha se separado dos seus pais que gozavam de boa reputação no lugarejo, sendo reconhecidos como gente honesta e trabalhadora.

Nessa fase de sua vida, Virgulino ocupava o seu tempo com a educação, com o trabalho e com o lazer. A rigor, Virgulino nunca frequentou uma escola, mas aprendeu a ler, a escrever e a contar com um professor particular, o que podia ser considerado uma conquista para o meio em que vivia. Nos trabalhos da fazenda, coube-lhe a missão de cuidar do gado, enquanto seus irmãos ocupavam-se da plantação e dos carretos com o pai. Nos momentos de folga, Virgulino participava das brincadeiras com outros meninos de sua idade. Chandler identifica entre elas, a brincadeira de cangaceiro e polícia, uma das mais populares e mais pesadas, que costumava imitar a vida dos adultos, representando inclusive o enigmático universo dos cangaceiros e valentes já famosos na região (CHANDLER, 1980: 35).

Um desses cangaceiros, Antônio Silvino, provavelmente serviu de exemplo para o jovem Virgulino. Este fazia 17 anos quando Silvino foi preso pela polícia pernambucana, encerrando-se um longo reinado de crimes. Porém, o cangaceiro que mais influenciou Virgulino foi Sebastião Pereira, vulgo “Sinhô Pereira”. Desde a primeira metade do século XIX a família Pereira estava em guerra sangrenta com a família Carvalho. Sebastião Pereira mobilizou um grupo armado com o objetivo de vingar a morte de um irmão. Lampião integrou o grupo de Sebastião Pereira, tornando-se um de seus homens de maior confiança.

Aos 19 anos de idade, em 1916, Virgulino ingressa na vida do cangaço. A causa imediata teria sido as constantes desavenças com um fazendeiro vizinho dos Ferreiras, José Alves de Barros, conhecido como José Saturnino da Pedreira. Saturnino pertencia à família Nogueira, tradicional aliada dos Carvalhos. Esse acentuado quadro de rivalidades políticas entre os clãs dos Pereiras e dos Carvalhos transformou-se em violência quando surgiram acusações dos dois lados de invasão de propriedade e supostos roubos de animais. Tocaias e troca de tiros tornaram-se freqüentes. Os irmãos Virgulino, Antônio e Livino

assumiram a iniciativa dos combates mesmo contra a vontade do velho Ferreira.

Todavia, as constantes agressões entre as famílias resultaram na saída dos Ferreiras para um lugarejo próximo de Nazaré, na Comarca de Floresta; em seguida para a comarca de Água Branca e finalmente Mata Grande, estas duas últimas comarcas localizadas no Estado de Alagoas. Em 1921, na cidade de Mata Grande morreu José Ferreira, pai de Virgulino, após uma batida policial da força alagoana, comandada pelo sargento José Lucena.

Ainda que jurando vingança pela morte do seu pai, Lampião jamais conseguiu por a mão em Saturnino ou mesmo no sargento José Lucena. Contudo, “a meta declarada de Lampião, ou seja, vingar a morte de seu pai, deu à carreira fora da lei, o argumento que o ajudou a criar a lenda de cangaceiro vingativo.” (CHANDLER, 1980, 47). Expulso de Vila Bela, perseguido ferozmente pelos habitantes da vila de Nazaré, Lampião voltaria a assombrar Pernambuco no combate da Serra Grande quando derrotou uma volante de mais de 200 homens, matando dez soldados e ferindo outros. Quando Lampião morreu, em 1938, sua área de atuação restringia-se aos Estados de Sergipe e Alagoas. Em Pernambuco restava um sentimento de alívio, inclusive na região onde ele nascera e onde lhe moviam uma dura perseguição, especialmente o povo do lugarejo conhecido por Nazaré. Foram os nazarenos os mais ferozes adversários de Lampião.

Em 1942, Vila Bela, o lugar onde nasceu Virgulino Ferreira da Silva, passou a se chamar Serra Talhada por proposta do interventor de Pernambuco Agamenon Magalhães. Na década de 50, João Ferreira, o único irmão de Lampião que se recusou a entrar para o cangaço, veio a público para defender a memória da família. João Ferreira denunciou as perseguições que lhe valeram anos de prisões e até uma condenação à morte. Em uma carta intitulada “Lampeão é nosso sangue”, publicada na Revista *O Cruzeiro*, em 1959, Antônio Ferreira Magalhães, primo de Lampião, afirmava em nome dos Ferreiras: “não pretendemos justificar ou legitimar os crimes de ‘Lampião’ mas julgamos... lamentável erro de observação... o situar-se Virgulino no plano comum dos malfeitores...”

A única filha reconhecida de Lampião e Maria Bonita, Expedita Ferreira, nasceu em meio à caatinga e foi entregue aos cuidados de uma lavradora. Expedita diz que sofreu muito por ser filha de Lampião e que foi humilhada: “Isto aconteceu em Pão de Açúcar; Alagoas; em Salvador, Bahia, para onde um juiz me levou aos oito anos à espera de algum parente para cuidar de mim; e em Propriá, Sergipe, cidade onde

morei durante os dez anos em que vivi com o meu tio João Ferreira.” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1997). Expedita diz ter superado os preconceitos contra a sua família e não acredita que Lampião tenha sido apenas um bandido sanguinário.

A atual cidade de Serra Talhada, enfatizada como o “berço de Lampião”, e “capital do xaxado” não esqueceu ou não deseja esquecer seus vínculos com o cangaceiro famoso. Imagens de Lampião são recorrentes em coleções particulares. É notável entre a população o hábito de reunir e catalogar materiais diversos sobre o cangaço e sobre Lampião, desde objetos pessoais, fotografias e documentos escritos. Estes importantes acervos domésticos conservados no interior das residências sempre foram referenciais para estudiosos e pesquisadores. Em meados da década de 70, já existiam pequenos acervos na residência de Manuel Lopes de Melo, neto do segundo professor de Lampião – Domingos Soriano Lopes de Souza. Manuel Martins, como era conhecido, criou o *Grupo Folclórico Lampião e o Cangaço no Nordeste*, baseado nas suas lembranças de soldado volante que chegou a perseguir Lampião. Após a sua morte, em 1977, a sua casa foi transformada em museu, sendo exposta a indumentária dos cangaceiros e da volante, confeccionadas pelo próprio Manuel Martins, armas, chapéus, embornais, cópias de músicas da época, especialmente o xaxado. Dando continuidade a este trabalho criou-se o *Grupo de Xaxado Manuel Martins*, ocupado em “manter viva a tradição artística do cangaço.” (JORNAL DO COMÉRCIO, 1997).

Na mesma linha de trabalho, sustentando a proposta de “provocar uma discussão sobre as feridas sociais que desencadearam o cangaço” existe a *Fundação Cultural Cabras de Lampião* responsável pelo *Grupo de Xaxado Cabras de Lampião*. O grupo é composto por 22 artistas entre músicos e “dançadores” cujo trabalho está apoiado em pesquisa sobre o cangaço “onde encontramos a maior herança deixada pelos guerrilheiros das caatingas: o xaxado” (GRUPO DE XAXADO CABRAS DE LAMPIÃO, 2002). Os estudos desenvolvidos resultaram também na constituição do *Museu do Cangaço*, localizado nas terras onde nasceu e viveu Lampião, na antiga fazenda Passagem das Pedras. A casa que pertenceu à família de Lampião foi restaurada e abriga um acervo de aproximadamente 400 fotografias. Algumas imagens retratam Lampião, Maria Bonita e alguns cangaceiros; outras mostram soldados volantes e temas afins. O acervo compõe-se ainda de peças do que restou da casa da família de Lampião e alguns objetos de época.

Não obstante a “proposta de recuperação cultural” do cangaço,

estes grupos defendem na prática a idéia de que Lampião teria sido uma vítima da falta de justiça no sertão do Nordeste: "... em meio a tudo isto, um grupo de homens (...) liderados por Virgulino Ferreira, Lampião, começou a reagir a este poder estabelecido e passou a ser inimigo ferrenho dos que lucravam com esta situação. (...) era, enfim, uma luz, um Lampião" (GRUPO DE XAXADO CABRAS DE LAMPIÃO, 2002). Em conseqüência, Lampião aparece como o filho ilustre de Serra Talhada e suas ações passam a ser compreendidas como parte de um movimento contra a miséria que assolava o sertão. Como vimos, até o final da década de 70 essas pequenas organizações constituíam uma memória latente e voluntária ocupada em dar voz a Lampião e ao cangaço.

Dentro destas atividades de constituição de uma memória coletiva do cangaço, explica-se a organização do *Museu da Cidade*, fundado em 1986. Coube ao poder público municipal - prefeitura e câmara de vereadores - apresentar, discutir e aprovar o projeto que previa a criação da Fundação Cultural responsável pela administração do museu. O texto do Projeto de Lei 621 de 19 de dezembro de 1986, coloca Agamenon Magalhães e Lampião no mesmo patamar:

"A terra que à nação lançou homens, entre outros, da estirpe dum Agamenon Magalhães e Virgulino Ferreira (Lampião), vegeta no limbo da sensibilidade. Pouco ou nada foi realizado a fim de que se arrancasse dos terreiros desolados dos seus filhos o joio da desinformação sobre suas origens: sua casa; sua memória (...) Nem tudo está perdido. Em toda a perdição sempre resta algo para servir de testemunho, de memória ao que se perdeu e ao que sobrou" (CÂMARA MUNICIPAL DE SERRA TALHADA, 1986).

O tema reabrir novas feridas e passa a ser abordado também na esfera pública municipal. As autoridades acolhem as vozes das ruas e começam a praticar uma nova concepção sobre os valores do cangaço e sobre a personalidade de Lampião. Aos poucos, porém sistematicamente, vai sendo substituída a imagem de Lampião como bandido cruel e sanguinário por uma imagem do mesmo como patrimônio cultural do município.

Outro trecho do documento acima citado esclarece em que consiste o projeto de recuperação da memória cultural do município: "... resgatar para Serra Talhada objetos, móveis, utensílios, depoimentos, documentos da história da cidade e do cangaço (...) reconstrução das

casas de Lampião e de seu principal inimigo Zé Saturnino (...) elevação de monumento a Lampião...” Após a criação do Museu da Cidade, já na década de 90, os grupos voluntários, porém organizados, defendiam uma postura mais firme na defesa da imagem de Lampião. Instituiu-se a cada ano um evento denominado “Tributo a Virgulino”. A programação desses eventos conta com lançamentos de livros sobre o cangaço, apresentação de grupos folclóricos, exibição de filmes, debates e palestras. Reúne-se nestas ocasiões historiadores e pesquisadores do cangaço, ex. cangaceiros, ex. volantes; parentes de Lampião. Um folheto sobre a primeira edição do evento reproduz a fotografia de Lampião na capa. O texto de apresentação, com um estilo panfletário, relata a infância de Virgulino e justifica que:

“... por vingança: vendo seus irmãos sertanejos tombarem de fome, pela falta de terra, mão de obra semi-escrava, os coronéis mandando e desmandando nos sertões, o jovem Ferreira passou a ser uma esperança de claridade “entrando nas vilas, povoados e cidades, fazendo justiça e clamando em alto e bom tom, que era preciso devolver aos mandatários o que eles davam ao povo” (TRIBUTO A VIRGULINO, 1995).

Dessa forma, o documento justifica o fato de Virgulino ter entrado na vida errante do cangaço. Não apenas por uma questão de disputas de terras e de criatórios, mas por sede de justiça, como uma ação consciente. É a “referência de resistência” na luta contra os poderosos coronéis de ontem. Em parte esta é uma versão diferente da imagem construída pela memória coletiva ou pela historiografia. Aqui Lampião aparece com propósitos claramente políticos. Nessa perspectiva o cangaço é entendido como um movimento organizado. O documento citado enfatiza ainda que é necessário tirar lições do passado, pois as antigas estruturas sociais que deram origem ao cangaço permanecem nos dias de hoje na medida em que os “latifúndios se multiplicaram e com eles houve o aumento dos trabalhadores sem – terras.”

Há nestas posições uma indisfarçável glorificação de Lampião. Não se trata de reforçar a figura do cangaceiro lendário ou do mito, nos moldes em que se verifica com a imaginação popular. Ao contrário, o que se propõe é apresentar Lampião a partir de um perfil de líder politizado, consciente dos problemas do seu tempo, comprometido com a transformação. Por outro lado, não parece interessante para os grupos que sustentam a defesa da memória de Lampião entrar no debate

sobre se o mesmo era bandido ou herói, pois para eles esta é uma discussão tentadora e simplória. Na lógica desses grupos esta é uma discussão inconveniente já que lhes obrigaria a incluir nos debates as violências praticadas pelos cangaaceiros. Pela lógica “nem bandido, nem herói” os crimes e as atrocidades cometidas por Lampião e seus “meninos” ficam em segundo plano.

Mesmo assim esse tipo de estratégia não consegue impedir totalmente a polaridade nas opiniões. Em Serra Talhada e na região quase não existe meio termo, pois ou se está a favor ou se está contra o rei do cangaço, ou seja, ou consideram Lampião um bandido ou o consideram um herói.

Parece difícil superar os ódios acumulados com o tempo, principalmente em Serra Talhada, onde as antigas famílias envolvidas nos conflitos ainda convivem. Uma demonstração de que as rivalidades não cessaram deu-se com a realização de um plebiscito sobre se deveria ou não ser erigida uma estátua em homenagem a Lampião. O debate público ocorreu de modo acalorado na cidade e logo se transformou em uma espécie de julgamento: “Lampião: herói ou bandido?” A estratégia da coordenação da campanha tentou evitar este tipo de polarização inconveniente para os seus propósitos e adotou o slogan: “Nem herói, nem bandido, ele é história. Diga sim a Lampião”. As vozes opostas argumentavam que “um homem só é herói quando faz obras, como o governador Agamenon Magalhães que também nasceu aqui” O próprio juiz da comarca, José Machado de Azevedo, posicionou-se contra o plebiscito, invocando um argumento mais sóbrio: “é ruim exaltá-lo [exaltar a Lampião] numa terra onde andar com um revólver na cintura ainda é símbolo de status e demonstração de machismo”. Ao final do plebiscito aprovou-se por 79% dos votantes a proposta de se erigir uma estátua homenageando Lampião. (SOUZA, 1995: 73). Apesar disso, as pressões e as ameaças dos que foram contra jamais permitiram que a proposta se concretizasse. Ao mesmo tempo, a vizinha cidade de Triunfo, distante apenas 60 quilômetros de Serra Talhada, reivindicava para si o espólio do cangaço.

O Lampião de Triunfo

Triunfo, localizada nas terras altas da Ribeira do rio Pageú, é conhecida como o “oásis do sertão”. De clima frio e paisagem serrana, revela entre as ruas estreitas a imponente Matriz de Nossa Senhora das Dores, construída em 1808 para abrigar a imagem da Santa, a padroeira da cidade.

Lampião costumava freqüentar Triunfo ainda quando rapaz e como cangaceiro manteve uma relação amistosa com seus habitantes. Segundo depoimento do delegado Deodato Nunes Pereira, a razão é que Lampião era devoto de Nossa Senhora das Dores: “Aqui ele não entrava nem atacava por causa de Nossa Senhora” (JORNAL DO COMÉRCIO, 1997). Entretanto, Lampião era pragmático e sabia que Triunfo estava localizada em um ponto estratégico, na fronteira entre os Estados de Pernambuco e Paraíba. Na década de 20, quando ele fez inúmeras incursões a Triunfo, o princípio da inviolabilidade das fronteiras dos Estados e dos latifúndios representava um impedimento legal ao combate aos cangaceiros: As forças volantes não tinham autorização para romper as fronteiras dos Estados em perseguição aos cangaceiros. Portanto, gozando da “proteção de sua madrinha”, favorecido pela lei de inviolabilidade das fronteiras estaduais e mantendo um círculo de amigos influentes e poderosos, tanto num Estado como no outro, Lampião tinha motivos de sobra para respeitar a cidade.

Mas isso não quer dizer que a sua atuação em Triunfo sempre fora pacífica. Em 1923, Lampião viu-se obrigado a intervir com um bando de 80 cangaceiros para livrar da cadeia Marcolino Pereira Diniz, filho do Coronel Marçal Diniz, poderoso político da região. O filho do coronel Marçal, amigo de Lampião, matou a tiros o juiz do distrito após uma discussão em que recebera voz de prisão. Diante das ameaças de Lampião, as autoridades libertaram o prisioneiro. (CHANDLER, 1980: 62).

Em 1924, Lampião atacou Clementino José Furtado, conhecido por Quelé, chefe de uma grande família do povoado de Santa Cruz da Baixa Verde, comarca de Triunfo. Após seis horas de tiroteio, os cangaceiros fugiram diante da chegada de um pequeno destacamento da volante. Durante o combate morreram um irmão e um sobrinho de Clementino e mais dois parentes saíram feridos. Não satisfeitos, os cangaceiros retornaram três dias depois e abriram fogo contra Clementino e cinco homens que o acompanhavam. Depois de horas de combate, os cangaceiros conseguiram matar dois homens, entre eles um irmão de “Quelé”. Desanimado com a fraqueza das autoridades, Clementino Furtado engaja-se na polícia da Paraíba, tornando-se um dos mais firmes perseguidores de Lampião.

Por ocasião desses combates, Lampião contava com o auxílio de alguns homens recrutados em Triunfo. Os mais conhecidos foram Félix Caboge, do sítio Mata Redonda; Sabino, da fazenda Abóbora e Luís Pedro, do sítio Retiro. A história de Luís Pedro associa-se inextricavelmente à de Lampião. Registra-se que em 1924, aos dezessete anos, fugiu de casa para viver no cangaço. Dois anos depois, tendo

experimentado combates decisivos, Luís Pedro brincava com Antônio Ferreira, irmão de Lampião, quando a arma disparou acidentalmente, causando a morte de Antônio. Informado do ocorrido pelos companheiros de Luís Pedro, Lampião repreendeu firmemente a atitude. Mas, ao invés de punir Luís Pedro, colocou sobre o mesmo a responsabilidade de substituir Antônio. Depois do acidente, Lampião mudou. Deixou crescer os cabelos nos ombros e passou a usar lenço colorido e cartucheiras, afastando-se com seu bando ainda mais da ordem social vigente. Quanto a Luís Pedro, este se tornou o cangaceiro de maior confiança de Lampião, da “confraria dos compadres”, vindo a tombar entre os onze de Angico.

Em Triunfo a morte de Lampião não significou o seu esquecimento. Ao contrário multiplicaram-se os mecanismos de recordações em torno do seu nome, inicialmente através das memórias individuais e de grupos, depois por meio de comemorações. Por esses mecanismos, a imagem de Lampião aparece despida dos seus aspectos negativos e, em alguns casos, aparece invertida. No início da década de 70, foram recuperados importantes depoimentos de pessoas que haviam convivido com Lampião. O objetivo desses estudos era compreender o folclore da região e adquirir dados sobre o cangaço. A pesquisa foi realizada por equipes de normalistas do Colégio Stella Maris, em Triunfo, durante os dias 14, 15 e 16 de setembro de 1973, como parte das atividades de um curso ministrado pela professora Aglaê Lima de Oliveira. Essas entrevistas estão disponíveis em textos mimeografados, no *Museu do Cangaço e da cidade de Triunfo*, em Triunfo-PE. As informações obtidas nos oferecem um quadro muito mais aproximado de como Lampião sobrevivia na memória dos trabalhadores rurais. Assim, para Adriano Norato de Lima, Lampião era um vingador:

“Ele entrou no cangaço por questões de família. (...) um dos rapazes da teima jurou que pegaria Lampião, mas como não foi possível, matou traiçoeiramente o seu pai. E este com o fim de vingar a morte de seu pai entrou para o cangaço”.

Para Rosendo Carneiro da Silva, o medo de Lampião tinha efeito moralizador dos costumes:

“... naquele tempo o povo fazia as coisas sem medo, seduzia mulheres, e com o cangaço criou-se mais medo e vergonha, pois o povo tinha medo de Lampião. Naquele tempo as moças não iam

sozinhas a canto nenhum, não por causa dos cangaceiros, mas por medo dos homens e rapazes. Os homens não tinham medo de ninguém e faziam o mal porque não tinham punição. Com o cangaço o povo ficou temendo alguém e se comportando melhor.”

Rosendo Silva considerava que Lampião era justiceiro:

“... naquele tempo o povo dava tudo o que os cangaceiros pedissem (...) Os soldados sim, faziam muita injustiça, porque se Lampião estava na minha casa, eles davam em mim e maltratavam minha família. Enquanto que Lampião não dava em ninguém. Se ele fazia mal a alguém, era porque já tinham feito mal a ele.”

Um ex. cangaceiro de Lampião, Francisco Pereira da Silva acredita que o seu chefe não morreu em Angico:

“Lavadeira contava que ele estava vivo. Morreu agora em 69, mas morreu na cama dele. Agora, Antônio Ferreira morreu no Porto do Ferro, saiu baleado na Serra Grande.”

Rosendo Carneiro da Silva acredita que Lampião teria sobrevivido ao massacre de Angico e estaria vivendo em alguma fazenda com Maria Bonita:

“Eu admirava ele viver daquela maneira e ser tão rico. Ele tinha muito ouro. Aonde ele estiver agora, deve estar muito rico. Eu tenho notícia de que ele está para os lados de Minas Gerais ou Goiás. E se ele estiver mesmo vivo, como eu penso, está assim como eu. Ele nasceu em 1905 e eu também. Eu acho que ele está vivendo numa fazenda com Maria Bonita.”

Estas são as imagens. É claro que as mesmas devem sofrer variações quando consultados outros sujeitos. Neste caso muito provavelmente aparecerão algumas imagens desfavoráveis a Lampião, sobretudo se estes sujeitos foram vítimas diretas ou indiretas do cangaço. Não existe ainda um trabalho de pesquisa que se preocupe em recuperar pontualmente essas memórias de famílias e pessoas envolvidas com o cangaço e esta é uma séria limitação. Entretanto, parece indiscutível o processo de glorificação de Lampião nas cidades sertanejas.

Os dados apresentados acima foram utilizados em apoio à constituição do *Museu do Cangaço e da cidade de Triunfo*, criado em 11 de junho de 1975. Os documentos de fundação indicam dois fatos importantes: primeiro, o museu nasceu sob a guarda do *Lar Santa Elisabeth*, uma instituição religiosa da Igreja Católica, onde passou a funcionar; segundo, os argumentos enfatizavam o turismo como móvel da organização do museu. Consta no Relatório da Quinta Sessão da Sociedade Mantenedora do Museu do Cangaço um discurso explicando “o que é o turismo e o valor que ele tem nos dias de hoje, a importância do museu como fonte histórica de um município e de um arquivo onde serão guardados recortes de jornais, fotografias, revistas, trabalhos, pesquisas, livros sobre o folclore, entrevistas” (RELATÓRIO DA 5ª SESSÃO, 1976).

Seguiu-se um debate em que foram analisados os entraves ao desenvolvimento do turismo na cidade e na região, identificando-se a falta de infra-estrutura básica, sobretudo estradas, e o pouco interesse do povo do município pelos pontos turísticos locais, o que levaria à necessidade de uma campanha de esclarecimento junto à comunidade. Esse era o discurso dominante e procurava relacionar o cangaço com o aproveitamento turístico. Evidentemente, esse não era a o único discurso. Em outro trecho da ata, propõe-se que seja feito “um estudo sobre o aspecto sociológico do cangaço, bem como sobre a personalidade de Lampião e efetuar um júri simulado sobre o mesmo”. Contudo, a proposta não teve aceitação da maioria.

Nessa mesma reunião foi adquirida mais uma peça para o acervo do museu. Era um punhal de prata considerado de grande valor. O objeto foi avaliado e logo se decidiu que o mesmo seria comprado. Do patrimônio inventariado pertencente ao (MUSEU DO CANGAÇO DE TRIUNFO, 1976) constava os seguintes objetos:

- » “colher de pau usada por Lampião, em 1928, na casa de seu amigo Cesário Machado”;
- » chaleira de Lampião, de cobre, na qual a tia de Lampião, dona Francisca Jacosa Lopes preparava chá e café para ele;
- » bandeja que pertencia a Lampião - objeto do ano de 1916. Trata-se de um objeto importante que até o dia 27/01/76 foi guardado com muito carinho e zelado pela irmã de criação de Lampião, dona Ana Maria da Conceição;
- » sanfona de Lino Pereira, da Fazenda Umbuzeiro. Lino tocou várias vezes para os cangaceiros dançarem;
- » grande pilão da casa de Lampião e parte da porta da referida casa;

- » chapéu de Antônio Ferreira, irmão de Lampião;
- » balas, garruchas, punhais e chapéus de cangaceiros.”

Atualmente este acervo encontra-se consideravelmente ampliado. São mais de quinhentas peças e uma biblioteca, esta em fase de organização. Esses e outros objetos estão abrigados nas novas instalações do Museu do Cangaço, hoje considerado o mais antigo do País destinado ao tema (DIÁRIO DO NORDESTE, 1997).

As peças do Museu do Cangaço estavam sob a guarda do Lar Santa Elisabeth, administrado por freiras que vieram da Alemanha, fugidas da Guerra. O funcionamento dava-se em qualquer dia da semana, inclusive aos domingos, em horário livre. Cobrava-se uma contribuição a cada visitante, mas este não era obrigado a pagar. No período de um ano de funcionamento, foram registradas as presenças de aproximadamente 550 visitantes com procedência de capitais do Nordeste e outros estados, outras cidades do sertão, outros países. Quanto às instalações do museu, foram classificadas como “simples”, compondo-se de 2 balcões de vidro. Demais objetos foram expostos nas paredes. As atividades do museu passaram a ser regulamentadas pelo estatuto da Sociedade Mantenedora do Museu do Cangaço. O artigo que tratava das finalidades tinha a seguinte redação:

“promover a pesquisa, a coleta, a classificação, o registro, a exposição e a divulgação de objetos, documentos, fotos e filmes, depoimentos e informações sobre o fenômeno do cangaceirismo no Pajeú (...) promover (...) e divulgar a cultura sertaneja em geral e especialmente suas manifestações ligadas ao ciclo econômico e folclórico do couro; (...) estimular o interesse pela cultura popular regional no seio da população.” (ESTATUTO MUSEU DO CANGAÇO, 1976)

Neste momento de organização e consolidação do museu muito pouco se falava de Lampião, indeterminando-se sua presença. Seu nome e seu apelido eram substituídos por expressões genéricas como “cangaceirismo”, “cangaço”, “banditismo”. Assim, nos estatutos fala-se apenas em “cangaceirismo”, não havendo uma referência direta ao nome de Lampião.

Mas isso não demorou muito. Poucos anos depois de criado o Museu do Cangaço, Lampião parecia 'roubar a cena' e já se fazia menção ao seu nome e a sua história abertamente. Em um documento intitulado (O LAMPIÃO DE TRIUNFO, 1997) reclamava-se a dívida social do

Nordeste para com Lampião. Argumentando a necessidade de se desenterrar o passado e oferecer novos conceitos à história, o documento apresenta uma imagem idealizada do chefe dos cangaceiros:

“Lampião tinha raízes especiais e uma identidade bem forte com Triunfo, pois aqui esteve centenas de vezes na sua tormentosa vida de cangaceiro. Conheceu como ninguém os quadrantes do município e em quase todos eles teve combates memoráveis e ontológicos. Aproveitou para recrutar seus melhores homens de guerra; Félix da Mata Redonda, Sabino das Abóboras e Luiz Pedro do Retiro, o seu lugar tenente de confiança. (...) Aqui ele tinha amigos sinceros e coiteiros de valor (...) Por isso o nosso Lampião é autêntico e diferente, desde que foi o primeiro turista de renome, a conhecer as passagens verdes. O Lampião nosso é figura lendária, o guerrilheiro invencível de 300 combates. O Lampião nosso tinha sentimentos, prezava a palavra empenhada, fazia versos e literatura de cordel. O Lampião nosso rezava o ofício de Nossa Senhora, entregava sua alma a Deus todo dia e carregava consigo orações, santinhos e escapulários”.

O manifesto, tal como está redigido, clama uma identidade para Triunfo. O foco é uma imagem heróica de Lampião aqui apresentado como vítima do destino, guerrilheiro invencível, homem de palavra, homem de talento, homem de fé.

Podemos dizer que são compromissos de identificação agrupados em torno um quadro espacial, um acontecimento cronologicamente definido e uma memória ativa como corrente de ação alimentada pelo grupo que a conserva. E se o grupo, ou os grupos, a mantêm o fazem com a mais nítida consciência de que qualquer evocação carece de continuidade, requer um certo ativismo militante de modo a colocá-la como problema central (NORA, 1978).

Entre as atividades assumidas certamente a mais controversa partiu da (CÂMARA MUNICIPAL DE TRIUNFO, 1997). A instituição aprovou por unanimidade a proposta “...da construção em local aprazível e apropriado, de uma gigantesca estátua de Lampião (Virgulino Ferreira da Silva), numa homenagem especial ao seu centenário e a sua imagem imorredoura e incontestável de rei do cangaço”. Para a construção da estátua de 32 metros foi convidado o escultor Abelardo da Hora. O monumento deveria ser construído em um pedestal de sete metros e meio de altura, cujo acesso dar-se-ia por uma escada de dois metros.

Um grupo intitulado *Associação dos Amigos de Triunfo* organizou uma campanha para a arrecadação de fundos. Este grupo é composto por profissionais liberais, juízes, vereadores, historiadores e geógrafos. São conhecidos como *os lampiônicos* e costumam se reunir semanalmente para estudar o cangaço. Do ponto de vista das afinidades políticas, os integrantes do grupo têm opiniões e filiações partidárias diferentes e até algumas rivalidades.

Porém, quando se trata de Lampião, parece haver um consenso. Ruy Trezena Patu, juiz aposentado, declarou a (O GLOBO, 1997): “o cangaceiro Antônio Silvino dizia que Lampião era um príncipe, mas, para mim, ele era um rei. A admiração é justamente pelo seu lado de justiceiro, porque a lei é cega e não enxergou suas razões. Na mesma ocasião, em entrevista ao jornal *O Globo*, Diana Lopes, geógrafa afirmou: “não vejo Lampião como bandido nem herói, mas como história. Não se pode estudar o Nordeste sem falar no cangaço.”

Não está claro que tipo de compromisso político encobre tais concepções. Do ponto de vista do discurso faz-se uma certa crítica à ordem social que deu origem ao cangaço, embora as custas de glorificação de Lampião. Por outro lado, em sua maior parte, os componentes dos *lampiônicos* são de famílias tradicionais de Triunfo com as quais Lampião manteve boas relações. Por exemplo, o avô do Juiz Francisco Assis Timóteo Rodrigues era uma autoridade que costumava receber Lampião em sua fazenda, localizada parte na Paraíba e parte em Pernambuco. Quando se fala nas boas relações de Lampião com Triunfo não podemos esquecer que se trata de uma imagem construída por alguns sujeitos históricos representando determinados interesses e, provavelmente, excluindo outros.

O certo é que em Triunfo as ações em curso tentam reabilitar Lampião. Na própria paisagem da cidade a memória do cangaço é mostrada em painéis coloridos. São os “arruados”, conjunto de casas com fachadas antigas, pintadas em tons fortes, com destaque dos detalhes arabescos. Mas os temas dos arruados não evocam apenas o cangaço, “retratam os pontos turísticos, grupos folclóricos e filhos de Triunfo que contribuíram para o seu crescimento.” Na imagem dos foliões da tradição dos caretas, uma espécie de folguedo tradicional na cidade, percebe-se que há semelhanças com a indumentária dos cangaceiros. A julgar pelas invenções da memória um deles, possivelmente, é Lampião.

Lampião em Mossoró: a memória da resistência

Ao contrário de Triunfo, a cidade de Mossoró-RN, a 280 quilômetros de Natal, organiza suas memórias tendo como referência a resistência à tentativa de invasão, extorsão e saque por parte de Lampião à frente de um grupo de mais de 50 homens fortemente armados. Em nove de junho de 1927, Lampião, cumprindo o plano de ataque, deixou o seu acampamento em Aurora, Ceará, atravessou a fronteira da Paraíba em marcha, a cavalo, em direção a Mossoró. No caminho os cangaceiros fizeram dois reféns pelos quais cobraram resgate. (CHANDLER, 1980: 108).

A notícia da proximidade de Lampião alertou os mossoroenses. O prefeito Rodolfo Fernandes mobilizou a população para “a resistência”. Consta em um relatório da agência do Banco do Brasil, em Mossoró, referente ao primeiro semestre de 1927, ter havido uma subscrição no comércio local com o objetivo de se conseguir armas e munições a serem distribuídas proporcionalmente à quota de cada subscritor “comprometendo-se cada um a não se desfazer das mesmas, sob qualquer motivo, como também a trazê-las limpas e tratadas, a fim de que em casos futuros e idênticos, a cidade pudesse contar com algum recurso eficiente para a sua defesa”. (JORNAL MOSSORÓ E O CANGAÇO, 1995: 6).

Lampião atacou a 13 de junho. Seus homens foram distribuídos estrategicamente e abriram fogo durante uma hora e meia. Os cangaceiros “colchete” e “Jararaca” tentaram dominar a prefeitura, mas foram atingidos por atiradores postados na torre da Igreja. Lampião vendo-se em desvantagem, pois não conseguia romper as posições, ordenou a retirada. Colchete morreu fuzilado, enquanto que “Jararaca” mesmo ferido conseguiu escapar.

Um dia depois do ataque, o bandido foi aprisionado nos arredores da cidade. José Leite de Santana, “Jararaca”, era um cangaceiro temido, tinha 22 anos e em Pernambuco, seu Estado natal, a polícia o considerava “como mais perigoso e perverso que o próprio Lampião” (O MOSSORÓ, 1995). Um jornal que cobriu o acontecimento publicou a matéria *Hunos da Nova Espécie*, afirmando que José Leite, depois de preso, foi amarrado e “transportado para a prisão pública como um animal de grande porte, com pés e mãos amarrados em um pedaço de pau.” (O MOSSOROENSE, 1927).

Entrevistado na prisão, “Jararaca” revelou que o dinheiro do saque de Mossoró seria usado por Lampião para comprar as volantes de

Pernambuco. O próprio “Jararaca” tinha em seu poder armas, grande quantidade de dinheiro e ouro. A força policial volante se apossou de tudo o que havia em seu poder. Sofrendo com os ferimentos, o cangaceiro pediu que lhes dessem algumas pimentas malaguetas e um canudo de mamão, pois “no bando, quando alguém recebe um ferimento como este [apontando para o peito], sopra-se malagueta pelo canudo colocado na ferida. Sai toda sal moura do outro lado. Arde muito mas a gente fica curado.” (O MOSSOROENSE, 1927).

De fato, não foram os ferimentos que causaram a morte de José Leite de Santana. Sob o pretexto de transferi-lo para Natal, a polícia o levou para o cemitério, onde já estava aberta a sua cova e naquele local foi-lhe dada uma coronhada e uma punhalada mortal. O bandido deu um grande urro e caiu na cova, empurrado. Os soldados cobriram-lhe o corpo com areia.

É certo que em Mossoró ainda hoje se comemora a derrota do bando de Lampião, talvez a única em sua longa carreira de bandido. Nos discursos alusivos ao 13 de junho costuma-se lembrar enfaticamente “a resistência” e “os defensores”. Prova disso é que o prédio da prefeitura denomina-se “palácio da resistência”, enquanto que em uma capela foi colocada uma placa com o nome dos 160 cidadãos que impediram o ataque”. O prefeito Rodolfo Fernandes também é lembrado como o organizador das “trincheiras da liberdade”.

Mas não é apenas isso que caracteriza o que aqui estamos denominando de uma memória da resistência. Nos círculos comerciais de Mossoró este discurso é bastante praticado como meio de propaganda dos estabelecimentos. O jornal da *Sociedade Brasileira dos Estudiosos do Cangaço – SBEC*, publicou em 1995 uma série de reportagens comemorativas dos 98 anos de Lampião. Uma casa de peças para veículos apresenta um anúncio onde afirma que “a bravura e o esforço de um povo em defender sua terra jamais serão esquecidos pelas gerações futuras. (...) E o cap. Virgolino Ferreira, o Rei do Cangaço, jamais esqueceu o 'não' do povo mossoroense ...”. A empresa que sustenta um dos principais jornais da cidade, *O Mossoroense*, denomina-se “Rede Resistência de Comunicação,” nome idêntico ao da rádio local. Uma mensagem da Câmara Municipal de Mossoró diz que “resistir é uma característica de Mossoró, e outra mensagem do prefeito municipal lembra que “por ocasião do transcurso da data em que a cidade de Mossoró comemora a vitória de nossa gente sobre Lampião e seus cangaceiros, o prefeito municipal vem parabenizar o povo mossoroense pelo gesto heróico.”

Ainda assim, em Mossoró a “memória da resistência” cede espaço para manifestações vinculadas a memória do cangaço. O contraste das mensagens alusivas ao 13 de junho é visível. Uma delas, enviada pela Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte – FURRN – defende que “a história de Lampião e seus cangaceiros precisa estar em discussão, para que as novas gerações busquem sempre, através dos registros existentes ou buscando novos fatos, o aprofundamento no assunto.” Por sua vez, o Sindicato da Indústria da Extração de Sal do Rio Grande do Norte manifestou nota pública onde afirma que acredita no desenvolvimento de Mossoró, mas reclama da falta de infra-estrutura para o escoamento do sal, produzido em larga escala. A nota finaliza com a seguinte sugestão: “Talvez uma coragem semelhante à de Lampião fosse necessária para resolver um problema mínimo, se comparado ao nível dos benefícios gerados.”

Embora manifestadas apenas ocasionalmente tais mensagens podem ser tomadas como representativas de diferentes versões sobre a presença do cangaço na história da localidade, onde diferentes memórias se manifestam. Um exemplo significativo é o processo de devoção popular ao cangaceiro “Jararaca.” Em seu túmulo, construído a pedido de uma funcionária da Estrada de Ferro Mossoró, como gratidão por uma graça alcançada, lê-se o epitáfio: “Aqui jazem [sic] José Leite de Santana – Vulgo Jararaca. Nasceu em 1901. Faleceu [sic] em 19-06-1927.” O lugar transformou-se em ponto de romarias freqüentes e as pessoas simples que o visitam continuam fazendo preces ao cangaceiro (ALMEIDA, 1981).

O artigo “Rodolfo Filemon Rodrigues: o prefeito da resistência”, publicado no *Jornal da Sociedade Brasileira de Estudiosos do Cangaço* constata-se com uma certa indignação que no cemitério São Sebastião, em Mossoró, o povo se aglomera diante do túmulo de Jararaca para com velas acesas fazer preces e pagar promessas. O autor do artigo confessa estar “impressionado com tantas velas acesas, que já não podíamos nos aproximar ao túmulo do homem que, quando vivo, foi um dos mais terríveis cangaceiros do bando de Lampião.” A mesma devoção não se vê no túmulo do prefeito Rodolfo Rodrigues, o organizador da resistência a Lampião. Segundo o mesmo autor, no local não se encontra uma única vela, nem tão pouco um visitante, de modo que o prefeito que defendeu “Mossoró com unhas e dentes”, livrando “o povo das garras de Lampião” caiu no esquecimento (JORNAL DA SBEC, 1996).

Argumenta-se que o sofrimento impingido ao cangaceiro “Jararaca” junto com a versão de que o mesmo teria sido enterrado vivo,

teriam contribuído para aumentar a admiração popular. Outra explicação vinda dos representantes da Igreja Católica fala em “morbidez da religiosidade popular”. Estas hipóteses necessitam uma verificação mais atenta. Juntas, ambas se resumem a piedade e morbidez. Digamos, então, que se tratam de explicações centradas na psicologia popular. Entretanto, é possível entender melhor estas constituições da memória do ponto de vista da cultura. A cultura do cangaço, ou seja, os valores típicos dos cangaceiros, a cultura da valentia e da honra e também a cultura da violência não podem ser descartadas. Antes do ataque de Lampião, a região de Mossoró já registrava inúmeras incursões de bandoleiros no território norte-rio-grandense, conforme relatório da agência do Banco do Brasil em Mossoró, em 1927. Conseqüência disto, ao lado de uma memória institucionalizada aqui denominada “memória da resistência” sobrevive com igual ou maior intensidade uma memória coletiva do cangaço.

Tomemos ainda a morte de “Jararaca” como ponto de partida. As autoridades reuniram o seu depoimento, objetos pessoais, quinze fotografias, exemplares do *Jornal Correio do Povo* que se editava em Mossoró, o bilhete de Lampião enviado ao Prefeito Rodolfo Fernandes exigindo uma quantia em dinheiro para não atacar a cidade, além de uma planta ilustrada da mesma. É provável que esta tenha sido a primeira iniciativa de constituição do museu do cangaço em Mossoró, pelo menos do ponto de vista da guarda, conservação e exposição de objetos. Oficializou-se esta iniciativa somente em 30 de setembro 1948 com a instalação do Museu Municipal de Mossoró, atualmente denominado *Museu Histórico Lauro da Escóssia*. Essa instituição é mantida com os recursos da prefeitura municipal de Mossoró, através da Fundação Municipal de Cultura.

A organização do museu tenta reforçar a lembrança das datas históricas consideradas mais importantes para o Município. A julgar por sua organização temática, pela forma como são organizados os discursos e os eventos comemorativos, são três as datas históricas que compõem a “trinca de glórias do calendário mossoroense”, todos eles abordados em forma de uma encenação denominada “Auto da Liberdade”. Primeiro, festeja-se a liberdade evocando-se a abolição da escravatura em Mossoró, cinco anos antes da Lei Áurea. Um folheto comemorativo dos 130 anos de emancipação política da cidade de Mossoró apresenta o espaço denominado “Galeria da Abolição dos Escravos” onde há documentos, objetos, o estandarte da “Liberdade Mossoroense”, e a ata da libertação dos escravos em Mossoró, em 30 de setembro de 1883.

Outro espaço do museu está reservado para mostrar o pioneirismo do voto feminino. O ataque de Lampião a Mossoró completa o ciclo das memórias fundantes.

Um formulário respondido pela direção do museu explicita melhor qual é a importância de Lampião para história local. A “resistência de 27” é considerada o marco fundante. Mesmo reconhecendo que a população vem criando uma leitura diferente sobre Lampião, tido como “bandido-justiceiro”, e sobre o cangaceiro Jararaca, “a quem alguns lhes atribuem veneração e até milagres,” afirma-se que o museu não tenta formar opinião. Entretanto, a cada ano sempre na primeira semana de junho, o museu se empenha em organizar eventos relacionados ao cangaço. São as “Semanas de Estudo do Cangaço” composta por exibição de filmes, exposição de livros, peças e danças folclóricas, debates. Um dos pressupostos dos organizadores desses eventos é que o cangaço como unidade temática possibilita reabrir novos estudos sobre diferentes aspectos da História do Nordeste (GASTÃO, 1992: 2)

A derrota de Lampião em Mossoró, portanto, originou uma “memória da resistência”, mas não impediu o surgimento de memórias do cangaço. O fato sofreu novas leituras com o tempo, promovendo-se de certo modo a absolvição dos cangaceiros. Outra consequência importante é que o “rei do cangaço” foi obrigado a mudar o seu território de atuação. O estado de Sergipe passou a ser a nova base de operações.

Poço Redondo: a capital do cangaço

1928. Lampião e mais seis cangaceiros entraram em Poço Redondo, surpreendendo a população. Acompanhavam-no Ezequiel, o irmão mais novo; Virgínio, o cunhado; Mariano; Luís Pedro, Mergulhão e, à época, o menino Antônio dos Santos, vulgo Volta Seca, primeiro sergipano a ingressar no cangaço. O Estado de Sergipe representava para eles um novo desafio, uma nova vida, sucedendo algumas notáveis mudanças, reflexos do fracassado ataque a Mossoró. Em Poço Redondo Lampião passou a sentir-se protegido. Até a sua morte, ele dispôs de mais de trinta cangaceiros, filhos da terra, um número impressionante. (COSTA, 1996: 379).

Desde a chegada de Lampião ao povoado, um considerável número de jovens se bandeou para a vida errante nas caatingas e, em consequência, as forças volantes incursionaram com mais frequência e

violência sobre o pequeno vilarejo. Por isto, neste caso, a expressão memória de grupos, tem um sentido muito próximo de memória familiar pelos inúmeros filhos do pequeno lugarejo tombados nos embates com a volante. É bastante significativo que, em contraparte ao número de jovens que aderiram ao cangaço, abandonando tudo para seguir Lampião, o povoado tenha registrado apenas uma pessoa disposta a ingressar nas forças volantes. Neste mesmo território, o “Rei do Cangaço” conheceu importantes batalhas como a de Maranduba, uma de suas maiores proezas; e a de Angico, a sua definitiva tragédia.

Uma importante fonte escrita que reúne parte da história de Poço Redondo e resgata as memórias dos lavradores é o livro do escritor Alcino Alves da Costa, ele próprio nascido em Poço Redondo. Alcino é sobrinho materno de Manoel Gomes da Silva, o cangaceiro - poeta Zabelê e primo de Joaquim Marques da Silva, o cangaceiro Correnteza. A narrativa de Alcino funda-se em pesquisas com os agricultores de Poço Redondo e zona fronteiriça, ilustra importantes eventos do cotidiano rural daquela comunidade, especialmente as relações com o cangaço.

O título de “capital do cangaço” expressa uma forma de afirmação identitária. Logo na entrada da cidade, um monumento e uma praça homenageiam Lampião – tido como o protótipo de todos os cangaceiros do lugar - enquanto que na escola as crianças aprendem que Virgulino foi um herói, uma vítima das injustiças: “Mataram a família dele. Por isso ele se dedicou à vingança.” afirma um menino de 12 anos, portador de uma coleção de balas encontradas nas pedras de Maranduba (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1997).

A cidade abriga o *Centro de Cultura Popular Zé de Julião*, em homenagem ao ex. cangaceiro Cajazeira. A implantação de vários lugares de memória em um pequeno povoado pode sugerir unanimidade em torno do assunto. Contudo, aqui o jogo da memória envolve diferentes sujeitos e é pleno de disputas..

Um dos momentos mais tensos deu-se com a criação da “Praça Lampião” inaugurada em julho de 1988 com a finalidade de se comemorar cinqüenta anos da morte do cangaceiro. Líderes do movimento popular e sindical encaminharam o projeto à Câmara Municipal subscrito por dezenas de assinaturas. Em 1993 o então prefeito, Ivan Rosa, tentou destruir a praça sob o argumento que se tratava de uma homenagem a um bandido.

As reações em contrário impediram que a destruição fosse consumada. As forças favoráveis à manutenção da praça são

representadas por setores sindicalistas da CUT, padres da Igreja Católica e intelectuais que tentam vincular a imagem de Lampião ao movimento pela reforma agrária. Durval Rodrigues Rosa, irmão do “coiteiro” Pedro Cândido, vem exercendo uma liderança conservadora desde 1953, tendo sido prefeito, confirmando o prognóstico do tenente Bezerra, o executor de Lampião, de que ele se daria bem, caso saísse vivo do ataque que liquidou Lampião e seu grupo. Já os descendentes de Manoel Félix, um “fiel coiteiro” que esteve em Angico, são de outra corrente política, mais comprometida com as mudanças sociais. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1997)

Os relatos e histórias contadas por testemunhas e conhecedores do assunto circulam em torno de escaramuças, questões familiares, trajetórias de vidas de parentes que aderiram ao cangaço como meio de vida. Entre os desmandos da volante e a astúcia dos cangaceiros, o pequeno povoado preferiu seguir os caminhos destes últimos. Segundo (COSTA, 1996:377):

“A rapaziada daquele sertão sonhava embevecida e maravilhada com aquelas belíssimas vestimentas, os tricolores lenços e jabiracas garbosamente enlaçadas ao pescoço, os brilhantes anéis e alianças, as famosas bandoleiras e cartucheiras com seus lindos bordados e recheados de balas, os temidos e reluzentes punhais, o tradicional e bem cuidado bernal, o inseparável e amado chapéu de couro com suas grandes abas voltadas para o infinito, maior símbolo do homem sertanejo e do banditismo. Sem falar nos perfumes da época com destaque absoluto para as brilhantinas Oriza e Madeira do Oriente, além do famoso Canela de Pinto com seu cheiro empavonado e envolvente, conjunto de fatores que enfeitiçavam o incauto caipirinha, penetrando ferozmente em suas almas simples e bondosas.”

O massacre de Angico, em 1938, pôs um final à longa existência do cangaço que demonstrou apenas uma pequena sobrevivida, um epílogo, com os fatos envolvendo a vingança e a morte de Corisco, em 1940. Mas quanto à morte de Lampião, Angico apenas reforçou uma tendência já verificada nos folhetos de cordel e na tradição oral sobre a lenda de invencibilidade e de imortalidade. Para muitos Virgulino não morreu em Angico e tudo não passou de uma farsa. Outros falam que houve envenenamento, daí o bando não ter reagido; existe ainda uma versão que ele não apenas não morreu em Angico, como ainda hoje está

vivo, bem idoso em algum ponto do Brasil. Não obstante, as circunstâncias da morte de Lampião em Angico, principalmente o fato de não ter havido rendição, não ter havido prisioneiros, parecem contribuir para alimentar o mito em torno do seu nome.

Até o início da década de 50, a grota de Angico não tinha nada que lembrasse os fatos de 38. A partir daí, João Ferreira, único irmão de Virgulino que não entrou para o cangaço, esteve no local quando afixou entre as pedras uma cruz tosca, de madeira, com algumas flores silvestres para homenagear o irmão. Na década seguinte, o tenente João Bezerra mandou construir um modesto mausoléu com as onze cruzes e a inscrição: “Aqui jaz o Rei do Cangaço, Capitão Lampião, com dez companheiros. Combate a 28 de julho de 1938. Lembrança do Capitão João Bezerra. Colocação da cruz em 30 de outubro de 1961” (O CRUZEIRO: 1953).

Mas, a memória do “combate” proposta por João Bezerra não fez ecos. Estudiosos de diferentes matizes parecem concordar que se realmente Lampião morreu em Angico, não houve luta e os cangaceiros foram apanhados ainda dormindo. Durante um bom tempo, o lugar ficou sendo visitado apenas por pesquisadores atentos e no final dos anos 90 Angico tornou-se um roteiro obrigatório durante as comemorações da morte de Lampião. No mês de julho, a cada ano instituiu-se a realização de “missa póstuma” no lugar. O local foi tombado como Patrimônio Histórico Cultural, de acordo com a constituição Estadual, Art. 229, de 5 de outubro de 1989. Instituiu-se a realização anual do “Seminário sobre História do Cangaço” com o tema “o cangaço como movimento social.”

Por ocasião de uma dessas “comemorações” reuniu-se em Angico o ex. cangaceiro Manoel Dantas Loyola, vulgo Candeeiro, e o ex. cabo da volante José Panta Godoy. Logo depois do evento, cabo Panta contou como deu o tiro de misericórdia em Lampião e como eliminou Maria Bonita. Entre os dois as discordâncias são visíveis. Candeeiro, aos oitenta e cinco anos, não hesita em definir Lampião como um “líder humano e herói”, enquanto que Panta prefere falar em “herói-bandido, mas herói apenas pelo desejo de vingança da morte do pai.” Quando ambos tentam definir o que sentem do tempo de cangaço, no entanto, a impressão é a de que um único sentimento, uma inquietude, é o que resta de comum entre eles. Cabo Panta diz que “havia o inesperado no cangaço, era muito emocionante. Choro quando lembro do passado. A velhice é coisa ruim.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1998). Por seu lado, Candeeiro divide as recordações entre as boas e as ruins: “Tenho um

braço defeituoso de um tiro que levei no dia da emboscada de Angico. Tive dias alegres, mas o sofrimento foi maior. Passei muita sede e fome. Às vezes eu sonho. Na verdade são pesadelos” (MOMENTO, 1997).

Piranhas – O elogio da traição

O pesadelo a que se refere “Candeeiro” teve sua parte real iniciada em Piranhas, Alagoas, separada de Angico pelas águas do Rio São Francisco. Em Piranhas, planejou-se o último e vitorioso ataque das volantes ao bando de Lampião. Se este é considerado um mérito para os cidadãos, não é o único quando se trata de suas complicadas relações com o cangaço. Em 1936 fracassou o ataque de um subgrupo de Lampião que tentava resgatar das mãos do sargento José Bezerra a cangaceira Inacinha.

O bando, comandado por Cristino da Silva Cleto, vulgo Corisco, encontrou uma forte reação dos moradores. Durante o combate morreram Gato, o companheiro de Inacinha, e mais outro cangaceiro, enquanto que da cidade morreram duas pessoas (A TARDE, 1936). Definitivamente, em 1938, Piranhas se transformou no teatro das operações da volante do tenente João Bezerra, quando este executou o plano de aniquilamento do bando de Lampião. Neste episódio as opiniões em Piranhas se dividem, pois alguns afirmam que coube ao aspirante Francisco Ferreira de Melo, e não a José Bezerra o mérito de ter levado a volante a enfrentar os cangaceiros em Angico, quatro quilômetros rio abaixo. A matéria publicada pelo *Diário de Pernambuco*, em 30 de julho de 1938, classifica o então tenente João Bezerra como um “valoroso oficial,” e destaca o aspirante Mello como “um valente sub-oficial que desde que entrou para a polícia foi transferido para o interior do Estado, aonde vem combatendo entusiasticamente, a fim de ver voltar a santa paz ao seio do sertanejo.”

Após o ataque, a volante exibiu a cabeça e os despojos de Lampião e de seu bando superpostas na escadaria do Palácio D. Pedro II, em Piranhas. A revista *O Cruzeiro* publicou em 1953 uma conhecida fotografia, de autoria não divulgada, com a imagem dos cangaceiros mortos. No detalhe, um caixote com a marca registrada da *Standard Oil Company of Brazil*, apoiava um chapéu de couro estrelado. Em novembro de 1926, algum tempo depois da outorga de patente de capitão pelo Padre Cícero, Lampião aprisionou um funcionário da *Standard Oil Company* a título de resgate. Na fotografia lê-se a inscrição da companhia inglesa virando-se a página de cabeça para baixo.

No antigo Palácio D. Pedro II, onde funcionava a estação ferroviária, está atualmente localizado o *Museu do Sertão*, fundado em 9 de outubro de 1982. A gestão do mesmo é responsabilidade do município. Cabe-lhe indicar a diretoria do museu e, ao mesmo tempo, financiar a sua estrutura, desde a aquisição de peças, até a manutenção e despesas com pessoal. Não são cobradas taxas de visitação. As finalidades do museu, segundo documento fornecido pela direção, consistem em promover a cultura e a história da cidade de Piranhas, proporcionar a população local e ao visitante o contato com a realidade do sertanejo, possibilitando uma leitura do passado mais abrangente. Para tanto, está o museu dividido em três ambientes:

1. Ciclo da navegação a vapor; ferrovia Great Western Brazil of Railway; ciclo do gado e da pesca.
2. Cotidiano sertanejo e religiosidade.
3. O cangaço.

Didaticamente separadas, as temáticas se entrelaçam. O espaço dedicado ao cangaço se confunde com os demais. As peças do acervo foram em parte compradas e em parte doadas. Existem fotografias diversas de Lampião e Maria Bonita, dos cangaceiros José Sereno, Volta Seca, Antônio Ferreira (irmão de Lampião), Luís Pedro (costurando), Asa Branca, Ângelo Roque, Barreira, Juriti, Meia Noite, Canário, Antônio Rosa Ventura, Dadá e Corisco, Zé Baiano, Zé Sereno e Bem-Te-Vi, Sabino e Ezequiel (irmão de Lampião). Existem ainda fotografias de vários soldados volantes, inclusive as do Cabo Panta, Coronel José Rufino, Tenente José Bezerra e os soldados Honorato e Sebastião. Outras fotografias mostram Padre Cícero, algumas cabeças de cangaceiros, inclusive a de Lampião e os mortos em Angico, a casa da avó de Lampião, algumas figuras típicas do cangaço e outros aspectos. Os objetos arrolados são armas dos cangaceiros e da volante, cantis, cartucheiras, o par de perneiras que pertenceu a Lampião, além de recortes de jornais da época.

Considera-se que o tema apresenta uma grande importância para o Nordeste e para o Brasil, além de um forte apelo turístico resultante do interesse crescente pelo assunto. Um formulário preenchido pela Secretaria de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de Piranhas demonstra que “a média de visitas ao Museu durante 48 meses (1997/2000) foi de 730 visitantes/mês, enquanto que de janeiro/2001 até abril de 2002, no total de 16 meses, a média foi de 1203 visitantes/mês, ou seja um aumento de 65% em relação aos 4 anos anteriores.” Daí justifica-se que uma das razões para a abordagem do tema é que

Piranhas faz parte da história já que “o fim do cangaço foi promovido pelas volantes comandadas pelo tenente José Bezerra da Silva, além de que muitos atos relacionados a história do cangaço foram protagonizados no município.” (MUSEU DO SERTÃO, 2002)

Tal posição tem sido debatida através de seminários realizados anualmente a cada mês de outubro. O cangaço é o tema central desses seminários cujos objetivos procuram revisitar a imagem de Lampião. Para esses eventos são convidados historiadores já conhecidos, remanescentes do cangaço e da volante, testemunhas dos acontecimentos e estudiosos de modo geral. Aliás, em Piranhas, é considerável o número de pessoas que testemunharam cenas do cangaço ou das ações de Lampião e de seu bando. Naturalmente, as opiniões a respeito estão enformadas por suas próprias experiências e ainda são muitos os que vêem Lampião como simples bandido. Mas, a glorificação de Lampião parece ser mais intensa.

Por exemplo, estudos demonstram que a ação inesperada da polícia alagoana não mereceu o reconhecimento dos sertanejos. Quando o assunto é a morte de Lampião desloca-se o foco narrativo para explicações fantásticas. O sucesso da operação do tenente José Bezerra é interpretado pelos sertanejos ou como resultado de quebra da magia, como envenenamento dos cangaceiros ou como consequência de traição.

Conclusão

Tentamos demonstrar que existe em algumas cidades do sertão nordestino um movimento de constituição de uma memória coletiva do cangaço, associado a um compromisso de recuperação do papel social de Virgulino Ferreira da Silva, Lampião. Usamos o termo movimento no sentido de consciência dos problemas vividos, sendo a consciência composta por uma dada percepção do real.

Assim, constatamos que está em curso um conjunto de manifestações de uma memória coletiva organizada cujo propósito é revisitar o cangaço e Lampião.

A compreensão destes lugares de memória indica que a imagem de Lampião é referência contínua no campo e nas cidades sertanejas. Mais do que qualquer outro cangaceiro, o seu nome é lembrado como bandido-herói, símbolo da luta pela justiça, vingador, moralizador dos costumes e até invencível. Nestes lugares de memória, entre os quais os museus do cangaço, organizam-se movimentos voluntários de

glorificação de Lampião, tendo como pano de fundo a disputa em torno da memória do cangaço. Participam destes grupos setores médios de cada localidade, autoridades políticas, sindicalistas, religiosos, profissionais liberais e intelectuais. São movimentos organizados na medida em que promovem sistematicamente uma série de eventos que vão desde seminários, palestras, lançamentos de livros, debates, celebrações diversas, edificação de monumentos com a finalidade de rediscutir o cangaço e rever a imagem de Lampião.

Tais manifestações comportam uma visão do cangaço enquanto movimento consciente de resistência contra antigas e injustas estruturas políticas predominantes no sertão da região Nordeste. Nessa perspectiva, os cangaceiros são compreendidos enquanto vítimas da situação de desigualdade social e da ausência de justiça. O cangaço é apropriado como uma resposta à opressão dos poderosos, como uma solução para o problema da seca e até mesmo como uma oportunidade concreta de emprego.

A compreensão de que Lampião é História está presente na concepção dos Museus do Cangaço. Constatamos que estes museus foram os primeiros instrumentos de reabilitação de memórias do cangaço. Além de uma prática preservacionista de fontes materiais e documentais sobre o cangaço, observa-se nos museus uma proposta de reconhecimento da história da cidade e da região em que estão situados. A lenda de Lampião passou a ser reivindicada como fonte de afirmação identitária. Não é demais afirmar que as próprias cidades como lugares de memórias, sustentam uma defesa de Lampião como patrimônio cultural em substituição a uma imagem de bandido sanguinário. Depreende-se, assim, que a história do cangaço e, particularmente a história de Lampião, passa a servir de referência da própria história dos lugares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Felon. *Jararaca: o cangaceiro que virou santo*. Recife: Guararapes, 1981.

CHANDLER, Billy J. *Lampião - o rei dos cangaceiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COSTA, Alcino Alves. *Lampião além da versão*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1996.

GASTÃO, Paulo. “Poderes da História”, In *Jornal Mossoró e o Cangaço – Comemorativo dos 99 anos de Lampião*. Mossoró. 1996.

GRUNSPAN – JASMIN, Élise. *Lampião: vies et morts d'un bandit brésilien*. Paris, PUF/Le Monde, 2001.

HOBSBAWM, Eric J. *Bandidos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

MELLO, Frederico P. de. *Guerreiros do Sol: o banditismo no nordeste do Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1985.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. São Paulo: Educ, 1993.

SOUZA, Anildomá Willans de. *Lampião, o comandante das caatingas*. s/ed., 2001.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Os cangaceiros*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

WISEBROM, Marianne. “Historiografia do cangaço e estado atual da pesquisa sobre banditismo a nível nacional e internacional”. In *Revista da S.B.P.H.*, Curitiba, Nº 9, 1994.

2. ENTREVISTAS

Adriano Norato de Lima. Sítio Salgado, Triunfo, Pernambuco, 15 de setembro de 1973 (mimeo).

Anildomá Willans de Souza. Serra Talhada, Pernambuco, Julho de 2002.

Francisco Pereira da Silva. Sítio Santa Luzia Triunfo, Pernambuco, 15 de setembro de 1973 (mimeo).

Rosendo Carneiro da Silva. Sítio Mata Redonda, Triunfo, Pernambuco 14 de setembro de 1973 (mimeo).

3. DOCUMENTOS

(1) **Carta de Triunfo**: Comemoração do centenário de Lampião. Triunfo, Pernambuco, julho de 1997.

(2) **Câmara Municipal de Triunfo**. Indicação 008/97. Triunfo, Pernambuco, 18 de fevereiro de 1997.

(3) **Estatutos da Sociedade Mantenedora do museu do cangaço**. Triunfo, Pernambuco, s.d.

(4) **Estatutos da Fundação Casa da Cultura e Museu da Cidade**. Serra Talhada, Pernambuco 09 de janeiro de 1987.

(5) **Folheto de apresentação** - Grupo de xaxado Luís Pedro. Triunfo, Pernambuco, s.d.

- (6) **Folheto de apresentação** - Museu do Cangaço. Triunfo, Pernambuco, s.d.
- (7) **Formulário de respostas do Museu Histórico Lauro da Escossia**. Mossoró, 07 de março de 2002.
- (8) **Museu do Sertão**. Prefeitura Municipal de Piranhas Secretaria de Cultura e Turismo Piranhas, AL, s.d.
- (9) **O Lampião de Triunfo**. Triunfo, Pernambuco, 29 de março de 1997.
- (10) **O cangaço como movimento social** – I seminário sobre a História do Cangaço. Poço Redondo / Canindé do São Francisco, Sergipe, 24 a 28 de julho de 1998.
- (11) **Projeto Memorial do Cangaço**. Câmara Municipal de Triunfo, Pernambuco, Indicação 008/97.
- (12) **Projeto de Lei N° 15 de 11 de dezembro de 1986** que propõe a criação da Fundação Casa da Cultura e do Museu da Cidade de Serra Talhada. Serra Talhada, Pernambuco.
- (13) **Projeto de Lei N° 621 de 19 de dezembro de 1986** que instituiu a Fundação Casa da Cultura de Serra Talhada e o Museu da Cidade. Serra Talhada, Pernambuco.
- (14) **Relatório da Quinta Sessão da Sociedade Mantenedora do Museu do Cangaço em Triunfo**. Triunfo, Pernambuco, 6 de setembro de 1976.
- (15) **Tributo a Virgulino**: 57 anos da morte de Lampião – Ele é História. Serra Talhada, julho de 1995.
- (16) **Tributo a Virgulino** – 60 anos da morte de Lampião. Serra Talhada, Pernambuco, julho de 1998.
- (17) **Tributo a Virgulino** – Centenário de Lampião. Serra Talhada, Pernambuco, julho de 1997.
- (18) **X Tributo a Virgulino** – a festa de Lampião. Sítio Passagem das Pedras, Serra Talhada, Pernambuco, 3 e 4 de agosto de 2002.
- (19) **Uma luz**: Folheto de apresentação da Fundação Cultural Cabras de Lampião. Serra Talhada, Pernambuco, s.d.
- (20) **70 anos da resistência** – V Fórum do cangaço. Mossoró, Rio Grande do Norte, 9 a 13 de junho de 1997.

4. JORNAIS E REVISTAS

A Tarde. Salvador, Bahia, 1936.

Diário do Nordeste, Fortaleza, Ceará, 1997.

